

SIGLAS

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

Tropecei em algo que não vi. Acho que nunca a havia visto no chão, lá estava uma sigla caída entre a porta e o tapete. Despencou do departamento dos protocolos, caiu e não voou. Ficou presa no seu peso administrativo, não rastejou um centímetro.

Estava ali para nomear a porta, nomear pela ausência do nome.

Aquela placa de 6 letras maiúsculas emendadas costurariam uma palavra mecânica: **GEREJA***.

Na miséria do poeta, fugi das siglas. Elas enfeiam o texto, dão rasteiras ao leitor, que cai de cara nas notas de rodapé. A burocracia fez as letras engolirem as palavras, sua linguagem é a palavra administrativa. Registra, refere-se, aponta com o dedo indicador como chegar à porta esperada. Abra. Ar-condicionado. As palavras são os exageros de si, seus sentidos viram vagos e vagueiam. As siglas são metricamente do tamanho que são, ficam nos seus limites, não voam.

Para voar a palavra encorpa o peso da alma.

Parece que a vida foi tomada por esses entes desalmados. Elas nos cobram, pague o IR, negocie sua dívida com o IPTU.

A taxa Selic aumentará, o mercado disse que é necessário. Por quantas somos marcados? Duras aos pobres, flexíveis aos ricos.

Aos abonados a linguagem das siglas desdobram-se em palavras inteiras. Sigla no lombo do pobre, é castigo.

Sigla no bolso da elite, é perdão. Os perdões fiscais rubricam o cristianismo tributário.

Benjamim revelou, como poucos, os negativos da modernidade. Sacou que o processo urbanização e modernização de Paris roubou os nomes das casas. A casa do Sorriso passou a ser número 08, na rua Vaugirard.

Perdas de nomes, as casas foram marcadas com códigos numéricos dos anseios planejadores.

A utopia está na planta da mão e a fantasmagoria, na palma da cidade. Planejar é escrever com precisão. É o dizer métrico.

Escrevo sobre Paris para fecundar minha birra com Brasília. O museu do futuro é a fantasmagoria do fim da história e das lutas de classes, é a assombração modernista do que um dia foi um sonho. A cidade da burocracia, por obviedade, foi tomada de assalto por siglas e números. Esquadrinhada nas Superquadras, a capital federal das siglas transita na impessoalidade da técnica e na morte da linguagem. Brasília é amontoado de monumentos mudos que foram marcados pelo JK.

Os burocratas não descansam quando a brincadeira é inventar siglas. Fazem hora-extra. Um grupo de especialistas especializadíssimos da Embrapa, Grupo de Inteligência Territorial Estratégica demarcou uma outra região de investimento econômico do Cerrado, inventaram o Matopiba. Traçaram a última fronteira do capital agrícola, o estado ordena os territórios ao bel-prazer do capital. A sigla emplacada está de braços abertos aos gafanhotos maquímicos.

Cidades serão rebatizadas, transformadas pelos signos da modernidade. Viva. Seja Bem-Vindo.

Os especialistas gozam criatividade, criaram uma região que é sigla das siglas. Coladas nomearam o mundo, mundificaram, saíram dos inventários cartográficos e tornaram-se alimento para o esfomeado agro. Debates acalorados envergaram a escolha perfeita, os especialistas mais piadistas elegeram o MapiTOBA. O Brasil é demasiadamente cristão para colocar o Toba na sua cartografia oficial.

Como é de comum, os planejadores escondem o MapiTOBA porque vivem de rabo preso.

Se você for um estudante apaixonado pelo projeto revolucionário das universidades e o fim do estado burocrático de poucos de direitos, não se engane, os acadêmicos amam os seus códigos de comunicação administrativa.

Os doutos da ciência amam as siglas, nomeiam seus territórios laboratoriais com as portentosas marcas do poder acadêmico.

As leis desse universo são regidas por uma cúpula, que mora na cobertura do mais alto prédio de Alphaville, na cidade de Godard. Lá do alto, criaram uma Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT).

Ela é a Bíblia com 10 mandamentos dos trabalhos acadêmicos.

Os pequenos príncipes de laboratórios das universidades idolatram as normas dessa escritura sagrada.

São fundamentalistas, pavorosos gritam pelos corredores: Viva o livro da sigla. ABNT é a Brasília textual.

A minha birra não arrefece.

Na terra, ar e mapa, as siglas complexificam as teias do manuseio da informação. Morrem. Nascem. Renascem.

■ ■ ■

*Gerência de Ensino de Jovens e Adultos. É um departamento que pertence à Secretaria de Educação de Goiânia/GO.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.